

ANDRÉ KFOURI



esp@rt@oglobo.com.br



zir. A conversa telefônica entre Jair Bolsonaro e Rogério Caboclo não poderia ter outro desfecho: realizar um torneio internacional de futebol em um dos mais eficientes laboratórios de desenvolvimento do coronavírus no planeta. Enquanto se posiciona na contramão do combate a uma pandemia histórica, o Brasil abre portas para o espetáculo da insensibilidade que o futebol patrocina sem nenhum registro de constrangimento.

Ambos os presidentes abraçam um novo assunto. O da República enfrenta a rejeição das ruas e a exposição da política da morte. O da confederação teme os ouvidos das paredes que o cercam na Barra da Tijuca e a repulsa dos que estão ao seu redor. O desfile macabro das seleções sul-americanas pelo país alimenta o caos e preenche agendas, evitando, talvez, que se fale em dois mil mortos por dia ou em gravações comprometedoras. É um acordo de interesses inconfessáveis entre o capitão e o cartola, celebrado sob o escárnio imperdoável com meio milhão

de vidas, o que posiciona o Brasil como o único lugar do mundo que comemora O Vírus. A Copa América em estádios brasileiros não terá outra imagem, senão a de um exercício de desrespeito absoluto.

Aspectos fundamentalmente esportivos são menos importantes, embora esteja evidente o desprezo do futebol pelo exterior de sua bolha arrogante e mentirosa. A decisão de seguir jogando como e onde for possível é própria de uma indústria que não enxerga além de si mesma, independentemente do que aconteça do lado de fora do estádio, como as recentes partidas da Copa Libertadores na Colômbia mostraram. Ao resgatar a Copa América a menos de duas semanas do início, o Brasil assume uma responsabilidade que sociedades mais maduras e educadas rejeitariam de imediato, e se

assume como um inimigo do esforço mundial de combater a peste. A ideia de uma final com presença de público no Maracanã é o símbolo perfeito para um encontro de loucos.

No meio do jogo político ao qual estão habituados e do qual costumam ser espectadores discretos, jogadores e treinadores de futebol talvez representem a última linha de defesa da sanidade. Certamente é fácil — e provavelmente injusto — imaginá-los como agentes de um movimento transformador, mas algo dessa natureza acontecerá cedo ou tarde e este parece ser o momento apropriado. A Copa dos Quinhentos Mil Mortos tem um chamariz em forma de 4 milhões de dólares para cada seleção, apenas para aparecer. Nenhuma associação nacional dispensará esses valores, especialmente agora, mas os nomes e os rostos associados a esta aventura desrespeitosa serão outros e eles sem dúvida têm opiniões. Da Conmebol, da CBF e do governo federal não se esperava outra coisa.

A Copa dos 500 mil mortos

Está claro a quem interessa o descalabro da Copa dos Quinhentos Mil Mortos. Ao ocupante temporário da cadeira da Presidência da República, que personifica como ninguém a fábula do cavalo solto dentro do hospital, e a seu equivalente na CBF, um projeto de político do esporte que só o Brasil é capaz de produ-

Especialistas condenam Copa América no país

Argentina desistiu do torneio por causa do descontrole da pandemia; para infectologistas, quanto mais pessoas em circulação, como no caso das seleções em trânsito pelo país, maior o risco de espalhamento do vírus

TATIANA FURTADO
tatiana.furtado@oglobo.com.br

Desde o segundo semestre de 2020, o futebol voltou à vida quase normal no Brasil: estaduais, Brasileiro, Copa do Brasil, Sul-Americana e Libertadores. Tudo sem público — ou quase. Com anúncio da vinda da Copa América ao país, o evento será apenas mais um na equação da pandemia da Covid-19 ou poderá piorá-la num momento de estabilidade em números altos de casos e óbitos que anunciam uma possível terceira onda?

Para especialistas, é ponto pacífico: quanto mais pessoas em circulação aumenta o espalhamento do vírus. Num cenário descontrolado, como o do Brasil, não há como garantir risco zero. Foi justamente pela falta de controle que a Argentina desistiu de sediar o evento.

No país vizinho, a média de casos diários por milhão está em 676,82, de acordo com o site Our World in Data, o que levou o governo local a decretar uma série de medidas restritivas. Aqui, está em 290,25. Os argentinos também estão com uma alta taxa de transmissão (Rt) de 1,18, segundo último levantamento do Imperial College de Londres. O Brasil aparece com 1,02. Valores acima de 1 indicam falta de controle da pandemia.

Na média diária de mortes, os países se assemelham: 10,72 e 8,64, respectivamente. Hoje, a América do Sul é líder nessas médias diárias.

Especialistas concordam

que a dinâmica de um jogo de futebol não difere muito: viagens, concentração, treinos e jogos. E as medidas sanitárias de testagem e controle também se assemelham nas diferentes competições — ainda assim houve surtos em vários clubes brasileiros em diferentes torneios, além de aglomerações em decisões de título. Porém, um evento como a Copa América, concentrada em um mês com 9 seleções estrangeiras em um número reduzido de cidades, os riscos são maiores.

Ao contrário da Libertadores, por exemplo, em que os times que vieram jogar no Brasil ficaram entre 48 e 72 horas no país, as seleções vão ficar hospedadas por, pelo menos, 15 dias. Nesse período, haverá deslocamentos para treinos, hotéis, jogos e, possivelmente, outras cidades. E quase tudo simultaneamente.

VACINAÇÃO

O próprio caráter do evento o aproxima mais de uma final de Libertadores — quando houve aglomerações sem medidas de proteção no entorno do Maracanã e em São Paulo, além de convidados no estádio — do que um jogo de primeira fase do torneio de times.

— Não são apenas as delegações. Um evento desses envolve grande cobertura da mídia, atrai torcedores e o tempo de exposição dentro do país é muito maior. É difícil mensurar o quanto pode aumentar, mas contribui para a maior contaminação. Todo evento



Pandemia. Higienização do Monumental, no Equador, antes de partida entre Flamengo e Barcelona, na Libertadores

ou atividade com circulação de pessoas aumenta. O que se faz é pesar o risco e o benefício daquela atividade que está se propondo. O futebol é uma atividade essencial na pandemia? Essa é a questão — diz o infectologista Renato Kfourri, diretor da Sociedade Brasileira de Imunizações (SbIm).

A Conmebol argumenta que, em 2021, a entidade organizou 45 jogos em estádios brasileiros — contando todas as competições sul-americanas. A porcentagem de eficácia do protocolo sanitário foi superior a 99%, de acordo com a orga-

nização. Já a Copa América, de 13 de junho a 10 de julho, terá 28 partidas.

A concordância a jato do Brasil é uma prova de que não houve uma análise ou orientação epidemiológica, segundo o Diego Xavier, pesquisador da Fiocruz.

— Comparando a Libertadores com a Copa América é como pensar num feriado eventual, em que poucas pessoas se movimentam, e no feriado de Natal e Ano Novo com muitas pessoas se movimentando ao mesmo tempo. A negativa da Argentina veio ontem (anteon-

tem) no fim do dia, e o Brasil aceitou hoje (ontem) de manhã. Claro que não existe uma programação ou estratégia para evitar que o contágio aconteça — disse.

O desejo da Conmebol de fazer o evento com todas as seleções vacinadas pode não se concretizar. Até o momento, apenas Uruguai, Paraguai, Equador, Chile e Venezuela estão vacinando seus jogadores. A entidade doou 50 mil doses da Coronavac às confederações, mas há entraves legais. As 5 mil que cabem à CBF não podem entrar no Brasil por causa da legislação

Sorteio da Libertadores acontece hoje

> Dois potes com oito bolinhas, com a possibilidade de todos os times de um enfrentarem as equipes do outro. É dessa forma que será o sorteio das oitavas da Libertadores, hoje, às 13h, em Assunção. Seis brasileiros estão classificados: Palmeiras, Internacional, Fluminense, Flamengo e Atlético-MG no pote 1; e São Paulo no 2.

> Pote 1: Palmeiras, Internacional, Fluminense, Flamengo, Atlético-MG, Barcelona (EQU), Argentinos Juniors e Racing (ARG).
> Pote 2: São Paulo, Boca Juniors, River Plate, Vélez Sarsfield e Defensa y Justicia, da Argentina; Olimpia e Cerro Porteño, Paraguai; U. Católica, do Chile.

Eurocopa terá 'super bolhas' e expectativa de 45 mil na final

Falta de clareza sobre regras para viagens ainda causa problemas

MARCELLO NEVES
marcello.neves@oglobo.com.br

Prevista para ocorrer ao mesmo tempo que a Copa América, a Eurocopa é um interessante ponto de comparação em relação ao torneio sul-americano — mesmo que não seja possível prever se será feita com sucesso, há mais segurança

e estabilidade sobre o que irá acontecer. Dividida em 11 sedes, ou super bolhas como estão sendo chamadas, a competição terá pela frente um inédito desafio de logística e público nos estádios.

A novidade desta edição é que nunca houve tamanha divisão de cidades que receberão a Eurocopa. Essa foi uma medida da Uefa para

evitar a concentração de delegações nos mesmos países durante a disputa. Outro ponto importante é que a entidade deseja colocar torcedores em todos os estádios, com a final em Wembley, em Londres, recebendo o maior público da competição, com expectativa de 45 mil pessoas presentes.

Entre as sedes com maior

liberação de público, estão Budapeste (100%), Baku e São Petersburgo (50%) e Amsterdã, Bucareste, Copenhague, Glasgow, Roma e Sevilha (33%). Londres (25%) e Munique (22%) completam a lista, mas a capital inglesa ainda tem expectativa para aumento de capacidade.

SEM INFORMAÇÕES

Se a Copa América ainda vive indecisão sobre a chegada das equipes, na Uefa foi comunicado que delegações e torcedores terão que seguir as regras de imigração de cada país. A entidade indicou que todos que desejam viajar para acompanhar

os jogos deverão estar atentos às restrições de cada local, que costumam ser atualizadas regularmente — incluindo a possibilidade de quarentena.

A Rússia, por exemplo, permitirá que torcedores estrangeiros com ingressos entrem no país sem visto para assistir ao torneio. O país limita a entrada de estrangeiros, só deixando cidadãos de países com os quais retomou voos internacionais. Na Inglaterra, existem pré-requisitos, como apresentar resultado de teste negativo para a Covid-19 com menos de 24 horas na entrada do estádio.

Porém, as informações

desencontradas de cada um dos 11 países causa reclamações dos torcedores. À AFP, o franco-alemão Sébastien afirmou ter desistido de viajar por conta da falta de informação concreta.

— Não sei se terei que fazer teste de PCR, não sei se terei que ser vacinado, se poderei ir para Londres sem precisar cumprir uma quarentena. Também não sei se vou poder usar meus ingressos.

Isso também influenciou Nassim Tirèche, que viajou à Rússia para a Copa do Mundo, a desistir.

— Eu ia viajar com os amigos com os quais costumamos viajar juntos, mas cancelei tudo — lamenta.